

Médico critica esquema de “corrupção ética”

Edu Garcia/AE

O chefe de plantão no PS Central da prefeitura de São Bernardo do Campo, Nelson Nisenbaum, diz que o acerto para diminuir a carga horária ocorre em todo o setor público

O clínico Nelson Nisenbaum, de 33 anos, decidiu escrever ao **Estado** para confirmar a existência dos esquemas na rede pública que permitem ao médico trabalhar menos horas. O pediatra Ronaldo Fiore denunciou o que chamou de “corrupção ética” no sistema público de saúde. Na área pública há quatro anos, Nisenbaum trabalhou no Hospital de Clínicas Dr. Radamés Nardini, em Mauá, onde chefiou o pronto-socorro, e na UTI do Hospital do Mandaqui. Agora, é chefe de plantão no PS Central da prefeitura de São Bernardo do Campo. Nessa entrevista à Stella Galvão, conta como era procurado por colegas interessados em algum tipo de esquema.

Estado — Em quais unidades o senhor conviveu com essa situação?

Nisenbaum — No pronto-socorro em que trabalho atualmente não há esquema, até mesmo pela insuficiência de recursos humanos, mas sei que está espalhado pelo setor público por comentários de colegas e experiência nos outros locais em que trabalhei.

Estado — Essa prática está vinculada a chefias que não se impõem aos subordinados?

Nisenbaum — Não, pelo contrário. Isso em geral é feito com plena ciência do chefe. Mesmo porque ninguém pode assumir diretamente responsabilidade sobre um desmando administrativo. E ocorre porque os salários estão massacrantes. Tem médico ganhando US\$ 300 a US\$ 400 por mês para exercer funções de alto risco em locais sem a menor estrutura de atendimento.

Estado — O senhor diz que o médico que procura emprego no serviço público menciona o esquema como uma espécie de senha.

Nisenbaum — Quando eu assumi a chefia médica do PS do Hospital Nardini, todo dia vinha alguém per-

guntar: “Escuta, Nelson, vai poder ter esquema?” Eu fiquei sabendo que uma vez ou outra alguém foi dormir em casa, não dava para ficar 24 horas vigiando. Os casos que eu soube foram punidos.

Estado — O é preciso para acabar com isso?

Nisenbaum — Em primeiro lugar, saúde pública deve ser gerida por funcionários de carreira, que conhecem as peculiaridades do lugar e podem administrar melhor.

Estado — A maioria dos diretores foge desse perfil?

Nisenbaum — A maioria dos diretores e secretários de saúde são indicações políticas e cargos de confiança. São voláteis. Saúde exige projetos a longo prazo.

Estado — O médico é vítima ou vilão?

Nisenbaum — Ele tem uma responsabilidade muito grande, mas está mais para vítima. O médico está exposto a granizo e meteoro. Toda essa demanda reprimida bate na nossa cara, no nosso peito, na nossa pele. É muito fácil pichar médico. A população tem que cobrar das autoridades a qualidade do atendimento, a priorização da causa da maioria.

**TODA
DEMANDA
REPRIMIDA BATE
NA NOSSA CARA**

Estado — O senhor é clínico. Em alguma situação foi obrigado a fazer procedimentos fora de sua área?

Nisenbaum —

Sim. Em São Bernardo, por exemplo, é muito freqüente ter que fazer parto. O risco de haver uma complicação é grande. Houve um caso em que tive que botar a paciente na ambulância e carregar para outro hospital. Não tinha a menor condição daquela criança nascer num PS, e houve o óbito da criança.

DIÁRIO DE UM PLANTONISTA

Trechos do livro de plantão do PS Central de São Bernardo do Campo

27 de outubro de 90

“Foi o 3º plantão consecutivo onde contamos apenas com um aparelho de medição de pressão arterial. Há várias semanas temos operado com apenas um eletrocardiógrafo.” (aparelho vital para emergências cardíacas)

17 de novembro de 90

“Dr. Tarcísio liga da unidade de Rudge Ramos (RR) referindo estar só. Não consigo contato novamente com o plantão administrativo.” [Encarregado de dar apoio às emergências de pessoal]. “Designo o dr. Argêlio para cobrir o plantão em RR. Fui cobrir o horário de janta do dr. Tarcísio. No RR me foi entregue atestado do dr. Luís Fernando.” (médico que faltou)

3 de novembro de 90

“O número de profissionais é insuficiente (...). Tive de pedir aos colegas dentistas para ajudar nas suturas em vários momentos. Devido ao volume de atendimento, a atenção aos doentes internados é muito prejudicada. O plantão noturno de hoje não teve pediatra.”

Registros do médico Nelson Nisenbaum, chefe de plantão

Art. 1º



Paciente de 76 anos, acompanhada da filha, espera na ambulância uma vaga no Bandeirantes

Doentes ainda esperam em ambulância

Agliberto Lima/AE



PS do HC: falta de leitos

Pacientes continuam esperando por atendimento durante várias horas dentro de ambulâncias em frente ao Hospital Bandeirantes, no bairro da Liberdade. Ontem pela manhã, segundo Izilda Maria do Amaral, mãe de uma doente, aproximadamente dez ambulâncias estavam estacionadas na porta do hospital (entidade filantrópica que atende pacientes pelo Sistema Único de Saúde). “Chegamos às 10h30 e ela só conseguiu ser atendida às 15 horas”, disse Izilda.

A diretoria ficou de apresentar hoje os motivos do atraso ao atendimento dos pacientes que procuram o estabelecimento. Sem querer dar detalhes, o administrador do hospital, Orlando Belli, adiantou que um dos motivos do atraso no atendimento se deve ao excesso de pacientes que procuram o Bandei-

rantes vindos de outros pronto-socorros, entre eles, o PS do Hospital das Clínicas (HC).

O superintendente do HC, Antônio Carlos Gomes da Silva, disse que o pronto-socorro do hospital tem procurado, há cerca de um mês e meio, atender somente os casos de emergência, que somam aproximadamente 10% dos doentes que chegam ao hospital por dia.

Os pacientes menos graves são encaminhados ao Prédio dos Ambulatórios do HC e, de lá, conforme o caso, são aconselhados a procurarem os hospitais mais próximos à sua residência.

“Essa atitude faz parte do programa de regionalização e hierarquização do atendimento, que temos tentado criar”, disse Gomes. “Acreditamos que o paciente será melhor atendido se procurar uma unidade de saúde do seu bairro.”

Ontem, na porta do HC, uma placa avisava que havia, no corredor, 46 doentes sendo atendidos em macas. “Estamos longe do ideal, mas já conseguimos diminuir bem o número de pacientes que ficam pelos corredores”, explicou o superintendente. O PS do HC, segundo ele, já chegou a atender 1.500 pacientes por dia, quando a capacidade é de 100 doentes.